



ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DOS INVESTIMENTOS DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL NA EXPRESSÃO MUNDIAL DO HANDEBOL DE PRAIA

Palavras-Chave: GESTÃO, ESPORTE, FINANCIAMENTO

Autores:

ANA BEATRIZ ARAÚJO BRANDÃO, FCA – UNICAMP

Prof. Dr. EVANDRO LÁZARI, FEF - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Para o pleno funcionamento de qualquer estrutura social, é necessário um ordenamento que fundamenta e gerencia essa atividade. No esporte, a macroestrutura organizacional que inclui dos clubes ao Comitê Olímpico Brasileiro - instituição máxima no Brasil - mantém a conformação necessária à execução, incluindo as federações estaduais e as confederações das modalidades nesse intermédio. As principais instituições de administração esportiva no Brasil são as Confederações e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que abrange 34 confederações com modalidades olímpicas e 18 reconhecidas ou vinculadas (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2023). A Lei Agnelo-Piva (10.264/2001) é a principal ligação financeira entre o Comitê e as Confederações, sendo responsável pelo repasse das verbas que mantêm a cadeia da macroestrutura organizacional do esporte funcionando. “Esses repasses representam uma quantidade muito significativa de recursos na realidade das confederações no período observado e evidenciam as disputas de poder dentro do campo esportivo brasileiro” (ALMEIDA e JÚNIOR, 2011, p. 164-165). Por mais que exista a necessidade de pesquisas na área e o desenvolvimento de intervenções seja tendência para os próximos anos, a administração do esporte - seja olímpico ou não - e as modalidades olímpicas vêm sendo coadjuvantes, ambas áreas de foco dessa pesquisa de iniciação científica.

A forma como foi e permanece sendo organizada a gestão esportiva moderna tem muito a mostrar sobre estruturas de poder, com modalidades e confederações dominantes e dominadas. O fortalecimento de uma elite dominante, o desenvolvimento de mecanismos de controle político das instituições, a permanência por longos períodos de tempo à frente das organizações esportivas e o afastamento dos atletas dos âmbitos de poder também se deram no Brasil como na maioria dos Comitês Olímpicos Nacionais espalhados pelo mundo, reforçando um modelo institucional fechado, burocratizado e autoritário (RÚBIO, 2005, s.p.). Na Confederação de Handebol (CBHb), essa realidade é vista tanto nos recursos humanos quanto na infraestrutura. Um exemplo da afirmativa de Rúbio é a permanência do último presidente da CBHb, Manoel Luiz Oliveira, no cargo por mais de três décadas e afastado em 2018 após mais de 31 anos (VECCHIOLI, 2020).

Para a infraestrutura, esse quesito depende de repasses financeiros e patrocínios recebidos das mais variadas fontes. A Confederação Brasileira de Handebol está em um grupo seletivo de oito confederações que receberam mais de 5% do valor total dos repasses da Lei Agnelo-Piva entre os anos de 2005 e 2008 (ALMEIDA e JÚNIOR, 2011, p. 168). Juntas, essas confederações recebem mais de 50% de todo o dinheiro proveniente dessa iniciativa. Além disso, a CBHb também está entre as confederações com o histórico particular de patrocínios de empresas de capital público, com poucos

atletas ou equipes que conseguem patrocínios privados. Esse cenário desenvolveu um contexto de manutenção do poder da CBHb frente a várias outras pelo longo mandato de Manoel Luiz, sua influência no meio, o alto investimento externo e um desempenho que explicita essa realidade. No entanto, após crise nas várias confederações brasileiras após os Jogos Rio 2016, problemas vieram à tona junto com o escândalo de corrupção em 2018. Recursos que já eram divididos entre o handebol *indoor* e o de praia se tornam ainda mais escassos, dando prioridade à modalidade *indoor* olímpica. Até 2016, a CBHb recebia R\$7,8 milhões do Banco do Brasil e R\$6,7 milhões dos Correios por ano, fechando o balanço do ano em R\$15,5 milhões. Com a crise de governança, o único contrato que restou valia R\$1,6 milhão com os Correios, mostrando uma redução de quase 90% (UOL, 2018).

A Confederação Brasileira de Handebol é responsável por gerir a modalidade nas suas variadas expressões. Por não ser uma modalidade olímpica, o handebol de praia possui visibilidade extremamente reduzida frente às demais e a crise pós-Rio 2016 a impactou significativamente. Os casos de irresponsabilidade na gestão de instituições como a CBHb possuem consequências inimagináveis para toda a macroestrutura organizacional do esporte, influenciando o gerenciamento das federações filiadas, dos clubes integrantes e dos atletas que fazem o handebol de praia existir e perdurar. Para a modalidade, estar dividindo a CBHb com a versão olímpica *indoor* e ter que reivindicar esforços é realidade e impacta diretamente na forma como os inseridos no contexto se comportam. A coerente gestão esportiva do handebol de praia, como parte importante da CBHb, é uma ferramenta indispensável para a sobrevivência da modalidade e seu fomento, bem como para a estruturação de medidas e iniciativas que a contemplem para o seu desenvolvimento nacional e internacional.

METODOLOGIA:

Foi realizado um estudo bibliográfico e documental permeado por uma análise contextual do handebol de praia no cenário brasileiro e internacional. Justifica-se por oportunizar uma descrição da realidade da modalidade componente de uma das Confederações mais ricas do país, mas envolta em escândalos nos últimos anos. Essa sistematização de informações e elementos estabelece um território esportivo como embasamento para a visualização do histórico de resultados da modalidade e a análise comparativa do cenário que a permeia, entendendo melhor o impacto dos repasses financeiros e do apoio dedicado pelos gestores. Foram realizadas pesquisas em bancos de dados de domínio público e em documentos disponíveis nos diversos canais de governança e transparência das instituições que gerenciam a modalidade, como a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), os Comitês Olímpicos Brasileiro (COB) e Internacional (COI), bem como a Federação Internacional de Handebol (IHF). Com os dados de valores financeiros e medalhas conquistadas nos principais eventos internacionais, foi realizada a comparação dos resultados através da estatística descritiva. O recorte utilizado na pesquisa engloba os dados desde o início dos campeonatos: World Games, Campeonato Mundial de Handebol de Praia, Sul-Americano de Praia e ANOC World Beach Games.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os principais eventos esportivos a nível mundial da modalidade são o Campeonato Mundial de Handebol de Praia e o World Games. A nível continental, o campeonato Sul-Americano de Praia é o de maior expressividade. Por ser uma modalidade recente, só reconhecida em 1995 pela Federação Internacional de Handebol (IHF), outros eventos são criados para fomentar o esporte, principalmente após a pandemia por Covid-19, com atenção ao ANOC World Beach Games e o Global Tour, ambos analisados nessa pesquisa, sendo o Brasil o país com maior expressão em todos esses.

O Brasil participou de todas as edições do Campeonato Mundial de Handebol de Praia, desde a primeira edição no Egito (2004), subindo no pódio em todas as edições, com exceção da primeira. Para além do pódio, o Brasil teve equipe campeã em cinco das nove edições. Nas duas competições

realizadas no Brasil, no Rio de Janeiro (2006) e em Recife (2014), tanto a equipe feminina quanto a masculina foram campeãs, com acesso ao suporte e todo apoio dado “em casa”. No total do campeonato e considerando os dois times adultos, o Brasil conquistou 8 medalhas de ouro, 3 de prata e 2 de bronze, totalizando 13 medalhas (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL, c2015).

O handebol de praia foi modalidade convidada em três edições do The World Games e participante em outras três, totalizando as seis edições realizadas. Nas três edições como convidado, o handebol de praia brasileiro conquistou dois bronzes (2001), ouro feminino (2005), ouro masculino e bronze feminino (2009). Assim, o Brasil esteve no pódio em todas as edições, com três medalhas de bronze e duas de ouro, totalizando cinco medalhas nas três edições. Como modalidade participante, o Brasil foi campeão dos dois naipes nas duas primeiras edições (2013 e 2017), obtendo quatro medalhas de ouro, e na última edição (2022), o masculino foi bronze (THE WORLD GAMES, c2023).

Nos jogos Sul-Americanos de Praia, o Brasil foi a delegação com melhor colocação em duas das quatro edições. As delegações que realizaram as outras duas edições foram campeãs no próprio país: Venezuela em 2014 e Argentina em 2019. O time masculino foi campeão em todas as edições passadas (2009, 2011 e 2019). O feminino foi campeão duas vezes (2009 e 2011) e prata em 2019. No presente ano, ocorreu a edição Santa Marta, em 2023 no período de 14 e 21 de julho. O time feminino do Brasil foi campeão mais uma vez, totalizando assim, três medalhas de ouro para cada naipe com quatro edições de Jogos Sul-Americanos realizadas (FREIRE, 2019).

Criado pela ANOC, organização guarda-chuva dos Comitês Olímpicos Nacionais (NOCs), o ANOC World Beach Games é um evento multiesportivo mundial, sendo o mesmo sediado pela primeira vez no Catar, em 2019. Com a visão de ser um evento promissor para a modalidade, em especial, o ANOC serve como ótimo exemplo para retratar a realidade do handebol de praia no país e no mundo. Na primeira edição (Catar, 2019), o Brasil foi campeão masculino e terceiro lugar feminino, ambos no pódio. Em 2021, o evento que seria realizado foi cancelado pela pandemia por Covid-19, para grande tristeza dos envolvidos na modalidade, já que os campeonatos estavam escassos e com problemas na época. A edição de 2023 com realização em Bali, foi anunciada, havendo grande organização e preparação. A edição Bali 2023 foi cancelada com um mês de antecedência, gerando grande revolta. Esse é um exemplo da instabilidade e do descaso que muitas vezes acompanha as modalidades não olímpicas, como o handebol de praia, demonstrando a necessidade de uma gestão esportiva de qualidade em escala nacional e internacional, por toda a macroestrutura organizacional.

O campeonato internacional Beach Handball Global Tour vem como uma aposta para divulgar a modalidade em vários países e proporcionar vivências e fomento por onde passa, incluindo clínicas e workshops para formação de profissionais da área, como árbitros, treinadores e gestores. A primeira edição ocorreu na Croácia em 2022, apenas com países convidados, não estando, neste momento, o Brasil presente. Em 2023, presente ano, ocorreu a segunda edição na cidade de Maricá, Rio de

Janeiro, também com países convidados. O Brasil foi campeão tanto masculino quanto feminino, jogando no próprio país. A realização do evento se deu em parceria da CBHb com a Prefeitura de Maricá, gerando benefícios para ambos os lados e reacendendo a empolgação dos amantes da modalidade para os próximos anos.

Contrariando todos os excelentes resultados brasileiros nas competições analisadas e as maiores do mundo, os orçamentos que chegam à CBHb não condizem com essa realidade. Até o ano de 2008, o handebol estava incluído nas modalidades que recebiam maior porcentagem pelos repasses da Lei Agnelo-Piva. No entanto, esses repasses sempre priorizaram o handebol *indoor* por ser modalidade olímpica, necessitando de incentivos e financiamento a cada novo ciclo olímpico. Pode-se observar, inseridas nesse contexto, as diversas estratégias das empresas patrocinadoras do movimento esportivo brasileiro. Empresas das várias áreas, públicas ou privadas, enxergam grande potencial para objetivos particulares nas modalidades visíveis internacionalmente. Multinacionais com estabilidade no cenário internacional buscam modalidades com grande capital simbólico no exterior. As modalidades com grande importância no cenário brasileiro, mas com menor expressão internacional, são alvo de patrocínios de capital público, como ocorre com a CBHb, única confederação brasileira que possuía dois patrocinadores do setor público, como falado anteriormente.

Com a crise generalizada que se espalhou pelas confederações brasileiras após a realização dos Jogos Olímpicos de Verão no Rio de Janeiro em 2016, problemas surgiram e as modalidades não olímpicas foram cada vez mais marginalizadas. A Confederação Brasileira de Handebol informou aos atletas e comissões técnicas que não conseguiria enviar os times para os campeonatos realizados em 2017 e 2018, o World Games na Polônia e o Campeonato Mundial de Handebol de Praia na Rússia, respectivamente. Para não aceitar a decisão, todos os participantes realizaram campanhas de arrecadação e doações (vaquinhas) na *Internet* com ajuda de amigos e familiares. Com muitos esforços, ambos os times conseguiram participar dos dois campeonatos por conta própria, de forma independente da CBHb. No World Games da Polônia (2017), ambos os times foram campeões. No Campeonato Mundial na Rússia (2018), o time masculino foi campeão e o feminino foi o terceiro lugar.

No cenário de instabilidade e escândalos que envolvia a CBHb, empresas e patrocínios foram cortados ou diminuídos. Além das reduções e cortes, os escândalos fizeram as contas bancárias serem bloqueadas, além de informações e canais de transparência da Confederação Brasileira de Handebol. O acesso às informações também foi prejudicado .

CONCLUSÕES

Mesmo sendo um esporte recente, o handebol de praia se mostra promissor para o Brasil pelo belo histórico de participação nas competições mais importantes do mundo. No entanto, é visto que as crises ocorridas na Confederação Brasileira de Handebol e a falta de atenção individual à modalidade a prejudicam. A ida para competições na dependência de doações mostra o descaso da CBHb para

com a modalidade e nos mostra que os times representantes do país mantiveram excelente desempenho, apesar dos impasses da Confederação. A modalidade merece atenção especial por tudo que representa no contexto mundial e no que pode vir a se tornar caso possua uma gestão que a priorize e trabalhe nas suas especificidades. A gestão esportiva se reafirma como fundamental para o funcionamento da macroestrutura organizacional do esporte moderno e confirma a necessidade de estudos e esforços para a manutenção da expressividade mundial do handebol de praia brasileiro e para a sobrevivência do esporte no contexto nacional.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Comitê Olímpico Brasileiro e o Financiamento das Confederações Brasileiras**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan./mar 2011 163.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Comitê Olímpico do Brasil, c2023. Confederações. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/confederacoes>>. Acesso em: 17 de março de 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL. International Handball Federation, c2015. Handebol de Praia. Disponível em: <<https://archive.ihf.info/en-us/ihfcompetitions/beachhandball/ivmensandwomensbeachhandballworldchampion/statistics/ranking.aspx>>. Acesso em: 7 de julho de 2023.

FREIRE, Otávio. **Em Rosário, Brasil fatura ouro e prata no handebol de praia**. Olimpíada Todo Dia, São Paulo, 19 de março de 2019. Handebol. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/handebol/124325-em-rosario-brasil-fatura-ouro-e-prata-no-handebol-de-praia/>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

RUBIO, Kátia. **Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro**.

Geo Crítica/Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Barcelona, v. 9, n. 200, s.p., nov. 2005.

THE WORLD GAMES. The World Games, c2023. Sports - Handeball. Disponível em: <<https://www.theworldgames.org/sports/Handball-13>>. Acesso em: 8 de julho de 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Com presidente afastado, handebol perde patrocínio do Banco do Brasil**. Uol, São Paulo, 11 de abril de 2018. Olhar Olímpico. Disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2018/04/11/com-presidente-afastado-handebol-perde-patrocínio-do-banco-do-brasil/>. Acesso em: 15 de março de 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Decisão judicial afasta Manoel Oliveira do comando do handebol após 31 anos**. Uol, São Paulo, 10 de setembro de 2020. Olhar Olímpico. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/09/10/decisao-judicial-afasta-manoel-oliveira-do-comando-do-handebol-apos-31-anos.htm>. Acesso em: 15 de março de 2023.